

## COPACABANA

Nessas *praias de limpidas areias*, trafegadas hoje pelos bondes da «Botannical Garden», onde em pitoresco promontorio se levanta a chamada *Egrejinha*, branca atalaia a dominar o futuro bairro Ipanema, existiram, segundo referem chronistas, antigas tabas tamoiás. Foram tambem morada predilecta dos socós, e d'ahi o nome, com que foram conhecidos taes sitios, — de Sacópenupan ou Sacupenopan — derivado, conforme opinião de Theodoro Sampaio, de *çocó-pê-nupan* — pancada nos socós — corrupção de *çocó-apê-nupan* — caminho batido dos socós. É bem cabida tal etymologia, e perfeitamente explicada pela vizinhança da lagôa Rodrigo de Freitas.

A denominação de Copacabana ou antes Copacavana é muito mais moderna; nada tem, cremos, com Sacupenopan e tem origem por méra coincidência, quando, alli, foi levantada pequena ermida em honra da Senhora, sob esta invocação, de origem peruana.

Desde os principios da cidade foram procurados esses logares, como vemos em antigas sesmarias concedidas em Botafogo, Gavea, Tijuca, nas quaes vem mencionada a supradicta lagôa.

Havia o *Concelho* em 1606 aforado a Affonso Fernandes 300 braças *começadas a medir do Pão de Assucar, correndo ao*

longo do mar salgado para a praia de João de Souza e para o certão costa brava tudo o que houvesse. Em 1609 Domingas Mendes, viuva de Affonso, traspassa esta sesmaria, com o fôro de 1.000 réis, a Martim de Sá, para beneficio do engenho que o mesmo Martim possuía na lagôa (*Archivo Municipal*, 2º vol.). Este engenho era chamado de N. S. da Cabeça, ou d'El-Rei, e fôra mandado levantar por ordem régia, no tempo de Antonio de Salema. Beneficiado por Martim de Sá, e não deve ser confundido com outro de igual invocação, que esse governador possuía, em terras da Tijuca, passou a seu filho Salvador Benevides e dêste aos Assecas, seus descendentes.

Em 1598 Diogo de Amorim Soares, tendo obtido sesmaria em terrenos proximos á lagôa de Sacupenopan, fundou um engenho de assucar, sob o titulo de Nossa Senhora da Conceição. Tal propriedade passou mais tarde ao genro Sebastião Fagundes Varella, cuja assignatura autographa encor. trâm os nos velhos livros da Misericordia. Varella, mais tarde, em 1609, 1611 e 1617, obteve outras terras, tornando-se possuidor da grande fazenda ulteriormente conhecida pelo nome de Rodrigo de Freitas, a qual abrangia immensa zona com 1.700 braças de testada e 4.500.000 braças de área incluindo a lagôa, como foi verificado na medição feita em 1809.

Em curiosa memoria, impressa no tomo 62º da *Revista do Instituto Historico*, fundando-se em documentos existentes no archivo do Thesouro Nacional, o erudito sr. Luiz da França Almeida e Sá nos fornece curiosas minucias sôbre a fazenda da Conceição, comprada em 1809 pelo Govêrno. Pertencia a João de Freitas Castro e d. Leonor Maria de Mello Pereira Sampaio. Havendo fallecido aquelle em 1779, passou a seu herdeiro Rodrigo de Freitas de Mello e Castro. Em 1770 Rodrigo casou-se em Guimarães, onde sempre viveu, com d. Josepha Margarida Soares Thomasia Cardoso e Meneses, e falleceu em 1803, deixando por successores Ayres de Freitas Mello e Castro (morreu solteiro em Portugal em 6 de Março de 1811) e d. Maria Leonor de Freitas Mello e Castro, que vendeu por 42:193\$430 ao Govêrno, sendo ministro o conde de Linhares, a importante fazenda da Conceição de Sacupenopan.

Como é sabido, o Govêrno, por escriptura de 18 de Dezembro de 1869, comprou por 50 apolices á Camara Municipal o dominio directo de todas essas terras, cuja planta havia sido levantada pelo tenente-general Carlos Augusto Napion, tendo por ajudante o capitão Jacques Augusto Conny.

Mas o dominio dos Castros era muito mais antigo; porquanto na *Gazeta de Lisboa*, n. 34, de 28 de Agosto de 1748,

se encontra (segundo uma nota que nos foi offerecida pelo sr. senador Manuel Barata) a noticia de «haver fallecido em 12 de Julho de 1748, em idade de 61 annos, na quinta de Suariba, da freguezia de Sam Payo de Visella, termo da Villa de Guimarães — Rodrigo de Freitas Castro, fidalgo da Casa Real, cavalleiro de Christo, senhor do engenho da Lagôa e da mesma lagôa, padroeiro da egreja da Conceição na cidade do Rio de Janeiro; e neste Reino, senhor das quintas de Suariba. Ribeira, Laje, Germonde e Carral, que serviu a sua Magestade com as patentes de capitão de cavallos e tenente-coronel no Estado do Brasil, e no socorro da Nova Colonia (do Sacramento) sempre com grande valor e bom procedimento.» Foi pois este Rodrigo, successor de Fagundes Varella, quem deu o nome á lagôa, pelo qual é ainda hoje conhecida. Tinha elle casa de residencia nesta cidade, á rua de S. José, como podemos deprehender de uma escriptura da Misericordia, em que Castro figura como fiador.

Não é fóra de proposito lembrar aqui a portaria de 24 de Janeiro de 1885, do Ministerio da Fazenda, em resposta ao officio n. 944 da Camara Municipal, em que esta corporação protestava contra o aforamento de terrenos que marginam a lagôa Rodrigo de Freitas, dos quaes o Govêrno se considerava senhor allodial em virtude da transacção feita em 1869.

Entre outros possuidores de terras em Copacabana, lembraremos André de Leão, Bartholomeu de Seixas, Francisco Caldas, Manuel Pinto e seus successores, que todos eram considerados foreiros da Camara, em virtude da segunda medição, feita em 1753.

Para completar, como é sabido, a legua e meia de testada da primeira sesmaria concedida por Estacio de Sá e Mem de Sá, e havendo para isso encontrado embaraços pelo mar do Vallongo, entendeu o juiz dr. Manuel Monteiro de Vasconcellos fazê-lo pelo lado da Copacabana, partindo de novo da Casa de pedra.

Esta medição comprehendeu o morro da Viuva, morro do Secretario, a chapada entre as montanhas da Urca e Babylonía, Cruz das Almas e Oiteiro de N. S. da Copacabana. Em todo esse trajecto, diz Haddock Lobo, atravessam com differentes empréstimos as terras dos Religiosos de S. Bento, as cabeceiras do lago de Botafogo, o principio da rua de São Clemente e praia da Copacabana.

Cumpre nestas notas declarar que taes terrenos foram mais ou menos aproveitados; os productos da pequena lavoura eram em canôas transportados a esta cidade por fóra da barra ou conduzidos ás costas de muares até o rio, hoje denominado

Berquó, então perfeitamente navegavel, e d'ahi em pequenas embarcações, que demandavam o sacco de João de Sousa (Botafogo) e delle, por via maritima, vinham á cidade. Tinham grande fama os ananazes de Copacabana, e disse nos dá noticia Debret em sua obra — *Viagem ao Brasil*.

Para se chegar á capella havia antigamente tres caminhos: o primeiro, a travessa da praia Funda, que cortava a fazenda Copacabana, mais tarde terras do Fialho, e communicava o Campo de Leblon com a praia do Arpoador e Copacabana. Nesse caminho, em occasião em que se procedia ao exgôto da lagôa, falleceu afogado o avô do conhecido pharmaceutico João Luiz da Silva, morador na Gavea.

Em casa dos Silvas recebeu digna hospedagem a comissão encarregada, em 1838, pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de estudar os pretendidos characteres phenicios gravados na pedra da Gavea, como consta do 1º volume da *Revista do mesmo Instituto*.

A segunda via de comunicação era constituída pelo prolongamento da rua da Real Grandeza, aberta em terrenos de José Martins Barroso, cujos antecessores foram o padre Jacintho Pires Lima, Antonio Pires Affonso, d. Tereza Ferreira de Carvalho, João Pereira Cabral, Anna Joaquina de Almeida Castello Branco, brigadeiro Manuel de Almeida Castello Branco e sua mulher Helena da Cruz Pinto, Anna de Faria, Domingos Gomes Freire e Rodrigo de Freitas (1718).

A terceira, denominada Estrada Geral ou do Leme, começava na praia de Botafogo, encostada ao morro do Mathias ou do Secretario, constituindo hoje a rua da Passagem, antiga Copacabana e tambem do Pasmado. Não seguia direcção recta, nem em um só plano. Fazia differentes quebrados e da altura da hoje rua Guapimirim subia até o forte do Leme, d'ahi corria em linha quasi recta e parallelá á costa do mar, formava um arco até findar na praia de Copacabana.

Nesta estrada ainda hoje se notam os restos da antiga fortificação, mandada levantar pelo marquez de Lavradio, como consta do relatorio, com que passou o govêrno ao successor Luiz de Vasconcellos. Do lado de Botafogo ainda podemos ver o arco situado entre a garganta formada pelas duas séries de montanhas. Ao espirito organizador de Lavradio não escapou a vantagem de oppor resistencia a tropas inimigas que, conseguindo desembarque na antiga Sacupenopan, pudessem procurar o coração da cidade. Par aisso, além de edificar a fortaleza do Leme, estabeleceu reductos em varios ponctos da praia; disso nos dão provas as peças de artilharia, que ainda existem soterradas pelas

areias, juncto á Egrejinha. Dêsses canhões já deu succinta descripção o illustrado dr. Pires de Almeida, na *Gazeta de Noticias*. A idéa de um desembarque em Copacabana foi tentada em 1710 por Duclerc, o qual foi facilmente batido pelas milicias do lugar. Dizem que o nome de Leme vem do primeiro commandante dêsse fortim; mas contra isto protestam escripturas antigas (1720), onde vem exarada esta denominação, em tempos em que se não cogitava de fortificações nesse desfiladeiro.

Pretendem outros que o nome vem da figura que representa a ponta da Vigia, semelhante ao leme de uma embarcação. O mesmo dá-se com a chamada ponta do Cajú, em S. Christovam, a qual nos mappas apresenta perfeitamente a fôrma dêsse fructo.

Outros enfim asseveram que o nome se deriva de uma pedra que tem a figura de um leme, a qual é vista nas vassantes; mas esta pedra é também conhecida por *Pedra do anel*, e entre anel e leme ha tanta differença como d'agua para o vinho! Foi o conde de Resende quem mandou desguarnecer o forte do Leme, apresentando razões de economias, as quaes podem ser lidas no *Archivo Municipal*, tomo 1º (1894).

Em 1797 servia como commandante dos fortes do Leme e de S. Clemente (rua de Humaitá) o sargento-mór Luiz Sotero da Costa.

Do que era em 1819 a Copacabana, dá-nos perfeita idéa a cópia de um mappa, tirada do — *Archivo Militar* — com o titulo — *Planta Topographica do Terreno ao Sul da Cidade do Rio de Janeiro, comprehendido Entre A Dicta Cidade E O Oceano*. Levantada em Outubro de 1819 pelo inspector de engenheiros — com o projecto *das Fortificações a fazer, para evitar o desembarque na Costa, e no caso d'este se effectuar, poderem avançar os desembarcados para a cidade*, esta planta figura, como annexo, em umas razões finais de notavel e recente pleito apresentadas, sobre terrenos em Copacabana, aos tribunaes desta capital. Comparando tal charta antiga com os melhoramentos introduzidos, ha annos, nesse suburbio, não podemos deixar de tecer elogios aos heroicos propugnadores do engrandecimento da antiga praia dos Socós.

Em vez das ruas e praças de hoje — azinhagas e bibócas, desfiladeiros e esconderijos, um dos quaes tinha o nome de *Caminho dos pretos quebra-bolos*.

Entre os morros notamos os do Faria, Caeira, Coqueiro, Sapateiro, Desfiladeiro, Brocó, Mathias, Babylonia, Telegrapho, etc. Entre as roças ou fazendas: as de Sanct'Anna, Francisco José, Preto Miguel, Suzano, Sobral, Boticario, Vigario Geral, da

Viuva, Bicudo, Padre Jacintho, Domingos Lopes, D. Isabel, Escolastica, etc.

Do morro da Vigia até o promontorio da Egrejinha extendia-se a grande praia dividida em duas pelas pedras do Inhangá: — praia da Vigia, do Leme e de Copacabana, e em seguida a esta a do Arpoador.

Fomos além do que desejamos; mas não deixaremos de apresentar aponctamentos sôbre a capella de Nossa Senhora cuja festa se realizou no dia 3 do corrente, porquanto com elles buscaremos estudar a epocha da fundação dêsse sanctuario, poncto de mira para os nagevantes, que em demanda das nossas plagas o encontram no leito de pedras do *Gigante que dorme*.

5 de Agosto de 1902.

---